

Ámago/Mágoa e Ás vezes vida:
poemários para a convivência e a esperança

Joel R. Gômez

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

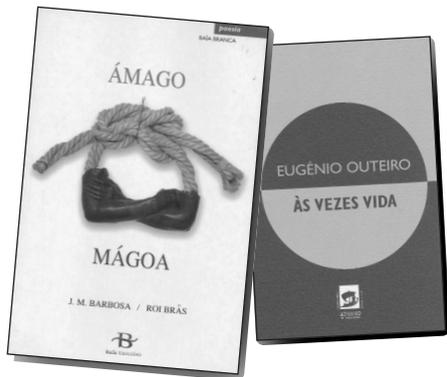
GÓMEZ, JOEL R. (2011 [2002]). “*Ámago/Mágoa e Ás vezes vida: poemários para a convivência e a esperança*”. *Agália*: 71-72, 255-257. Reedición en *poesiagalega.org*. *Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*. <<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/156>>.

2 | Por referencia á publicación orixinal

TORRES, CARLOS MANUEL C. (2002). “*Ámago/Mágoa e Ás vezes vida: poemários para a convivência e a esperança*”. *Agália*: 71-72, 255-257.

* Edición dispoñíbel desde o 25 de xaneiro de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

ÁMAGO/MÁGOA E ÀS VEZES VIDA:
POEMÁRIOS PARA A CONVIVÊNCIA
E A ESPERANÇA



A publicação de *Ámago/Mágoa* e *Às vezes vida* é umha demonstração de como ares renovadores parecem chegar à Galiza. Som títulos de entre os mais importantes publicados nesta nova centúria, e nom só do ponto de vista literário. Porque, apesar de o seu conteúdo ser, com certeza, poesia, estes volumes som muito mais do que isso: estamos perante demonstrações de convivência e de esperança, o que é muito dizer nestes tempos de luitas, distanciamentos e ignorâncias proposítadas.

Em *Ámago* encontram-se (2002: 15-77) os versos de J. M. Barbosa; e em *Mágoa* (2002:79-135) os de Roi Brás. Dous produtores que atingem a casa dos quarenta anos e que tinham provado fortuna em publicações diversas anteriores, o segundo deles ganhando mesmo

alguns prémios. Ambos som ourensanos e nas suas experiências prévias deram-se a conhecer só no idioma da Galiza. Mas com umha diferença substancial: Barbosa utilizando o Galego-Português, Brás o Galego-Castelhano. Essa disparidade gráfica mantém-se neste interessante produto com que agora defrontam o mercado. Continuam os dous na defesa dos seus pressupostos, o que nom lhes impede um exercício de convivência exemplar e exemplarizante. Os dous literatos demonstram que o entendimento é possível. Nos versos que oferecem há propostas que vam desde a mais absoluta privacidade até ao compromisso social, com muitos instantes de diálogo com o exterior, entre os quais merecem destaque talvez os poemas intitulados "*Bretanha*" (2002: 35-36) de Barbosa, e "*Presentir a Eusebio Lourenzo*" (2002: 117) de Brás.

Os dous produtores utilizam outros idiomas: Barbosa o francês, no trabalho que abre o volume, intitulado "*Je t'aime*" (2002:17-18); e Brás o inglês, no que serve de encerramento, "*Again*" (2002:135). Na contracapa encontramos citações de Fernando Pessoa, Oscar Wilde e Pablo Neruda, também significativamente apresentadas: a do português em original; a do inglês, traduzida para Galego-Português; e a do chileno, para Galego-Castelhano.

Os poemas de Barbosa aparecem datados, com umha trajetória bem definida desde 1980 até Agosto de 2002. Destarte, no *Ámago* comunica-se-nos o desejo da chegada (2002:25) “*dum Povo-Rei,/ dum Povo que caminha/ a vida, do começo/ até a luz*”; por parte de alguém que conclui como (2002:38) “*Gosto de estar só, em companha/ dos meus amados./ Gosto de estar contigo, pátria, meu mundo,/ porque eu som teu*”; e que está convencido de que (2002: 71) “*Vomitare insultos quando querem o teu sangue/ nom serve de nada./ Tentar frear o rio quando há umha enchente/ é a morte*”.

Brâs, em *Mágoa*, fornece umha “Autobiografia”, que finaliza com esta informação de relevo (2002:85): “*amor e desamor en cada verso,/ dor ou paz, con tales rimas sigo sendo*”. Mais para a frente inclui (2002:103-105) um “Diario Pequeno”, em que a conclusom é: “*Eu son quen era nun principio./ Nada son, pois, agás, que unha estrela/ non pode transformarse no que era*”; e num dos textos finais, “Escribir”, indica (2002:125): “*Escribir é falar consigo un mesmo,/ lingua prohibida polo alleo,/ lei recón-dita da revolución,/ que ninguén somos un, todos somos cada un*”.

As imagens, as mensagens e mesmo as provocaçons sucedem-se nas páginas deste muito recomendável volume, o primeiro do novo século em que as norma-

tivas que luitam desde há décadas na Galiza se mostram em pé de igualdade por parte de dous literatos que, mantendo a su identidade, dizem ao leitor que é possível trabalhar unidos polo futuro da língua. É esta a principal mensagem, a meu modo de ver, de um livro de poesia de indubitável qualidade e interesse, que apela à convivência num instante em que o idioma da Galiza perde utentes e parece ser cada dia mais abandonado polas novas geraçons. Um acerto, pois, também para a editora, por apostar por um produto como este, que ainda oferece mais um valor acrescentado: um magnífico “Prólogo” de João Guisan Seixas (2002: 7-14) no qual, com sábio acerto, convida o leitor “*para que leia as partes escritas e as partes nom escritas do livro*”. Nas páginas de *Ámago/Mágoa* há, certamente, “*sublime poesia*”. E nom só: porque isso é apenas o princípio de um singular volume, generoso em sugestons, a maior das quais sem dúvida esse apelo à esperança pola sobrevivência do idioma, que a cada pouco se nos diz em diversos lugares estar ameaçado de morte, mas que tem um imenso futuro, por fortuna, com atitudes tam positivas como a de J. M. Barbosa e Roi Brâs, que tanto som para agradecer.

O caso de Eugénio Outeiro é diferente. É este um literato ciente

de como (2002:34) “Caiu, caiu/ Babilónia, a Grande” ou de que (2002:35) “As minhas maos som armas contra a vida”, cuja experiência lhe dita como (2002:37) “Às vezes os segundos passam/ e percebes/ que som como gaiolas ou cidades/ apresando lilás ou gafanhotos”; e que finaliza o seu trabalho poético com um texto intitulado “Para um olvido” em que conclui (2002:45): “Havia/ um fio para o objecto/ desde os olhos. Foi a morte que o cortou. Agora o frio/ fugiu. Fugiu/ para um olvido”.

O produtor e o seu produto singularizam-se no panorama literário do país. Aquele, ao afirmar que os “poemas” que conformam este volume “*nom fôrom escritos por ninguém. Som mais bem o fruto de um nom-autor, visto ser exercícios de eliminação do ego, de desapareção do apego a todo o que poderíamos chamar um eu, em definitivo, exercícios de desapareção de umha pessoa*”. Umhas afirmações que contrastam no panorama de umhas Letras Galegas que, no século XX, e sobretudo nas décadas finais do mesmo, se caracterizárom por produtores dispostos a renunciarem a convicções –há vários exemplos bem lamentáveis– na procura de firmar o “seu lugar” na História literária do país, com umha perspectiva egotista e de personalismo quase doentio, sem reparar no projecto colectivo e identitário que deve

representar umha Literatura (e umha Língua, é claro).

No entanto, a grande novidade de *Às vezes vida* é o facto de contar a edição do livro com subsídios de instituições como o *Concelho de Ponte Vedra, Caixanova*, a *Deputação de Ponte Vedra* e a *Conselharia de Cultura da Junta de Galiza*. Significará isto umha mudança de atitude e a demonstração de que neste novo século já começam a se derrubar esses entraves que suportou o Reintegracionismo nas últimas décadas? Seria umha magnífica notícia para a convivência, para a esperança em tempos novos e melhores.

Ainda há que salientar o facto de ser *Às vezes vida* nom venal, outro valor acrescentado a considerar, por mais que resulte limitativo para a sua difusom.

Três poemários e dous volumes, em definitivo, que indicam que algo parece estar a mudar na Galiza. A poesia aparece na vanguarda de tempos renovados, que tanto se precisam, em que a convivência alicerçada no diálogo e no respeito de todos os posicionamentos abra caminhos de esperança a um futuro com alvos diferentes aos da mediocridade, a renúncia e a derrota com que nos denegriu o século XX.

Joel R. Gómez